

## Fazenda Angélica e o Barão de Grão-Mogol

### Vladimir Benincasa



Arquiteto e Urbanista, Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. São Carlos [SP], Brasil. <vbenincasa@yahoo.com>.

### Maria Ângela Pereira de Castro e Silva Bortolucci



Arquiteta e Urbanista, Professora Doutora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos [SP], Brasil. <maria.angela.bortolucci@gmail.com>.

---

### Resumo

O artigo apresenta um estudo sobre uma casa sofisticada para os padrões do interior paulista de 1880, seja em comparação com as edificações rurais, seja com as urbanas, construídas em pau-a-pique ou taipa de pilão. Pedras eram usadas somente nos alicerces. Sobrados também não eram comuns, o que ocorria, quando muito, era o aproveitamento do desnível do terreno, formando porões utilizáveis. O sótão teria sido novidade na região. Conclui-se que o exemplar estudado traz influências das casas urbanas da área mineradora do sul da Bahia, que por sua vez possuem fortes traços da arquitetura deixada pelos portugueses no litoral brasileiro, tanto pela sua técnica construtiva, como pela configuração externa e interna.

### Palavras-chave

Arquitetura Rural, interior paulista, técnicas construtivas.

## Angélica Farm and the Grão-Mogol Baron

### Abstract

The paper shows a study about a sophisticated house for the hinterland of São Paulo State standard in 1880, even if it was compared with the rural or urban contemporaneous houses, built on stilts or rammed earth. Stones were used only at the building blocks. Mansions were not common. Sometimes the utilization of the sloping ground was an option. The attic would have been an innovation in the region. The conclusion is that the house brings influences from the urban houses of mining area from Southern Bahia State. And these houses bring strong traces of the architecture left by the portugueses in the Brazilian Coast, much for its construction techniques, but for its external and internal configuration too.

### Keywords

Rural Architecture, hinterland of São Paulo State, construction techniques.

## A região de Rio Claro

A cidade de Rio Claro, outrora chamada São João do Rio Claro, situa-se na região central do Estado de São Paulo, na micro-bacia do Rio Corumbataí, afluente do rio Piracicaba que, por sua vez, deságua no Tietê. A sede do município está a uma altitude média de 600m acima do nível do mar. No relevo predominam as colinas suaves, exceto ao norte e a oeste, onde surgem as escarpas do Planalto Ocidental paulista, denominadas de *cuestras*, paredes pedregosas, verdadeiros degraus naturais que se elevam a até 200m e, alguns, além disso. O clima caracteriza-se por período de seca no inverno e de chuvas no verão. A vegetação natural era composta por cerrados e cerradões, que aparecem em solos arenosos e leves, e porções de Mata Atlântica nas manchas de terra roxa pura ou misturada. Segundo Dean (1977) essas

[...] *florestas luxuriantes, porém amenas e temperadas, eram convidativas, pois ali o clima não é tropical: a 600 metros acima do nível do mar, a temperatura varia pouco em torno de uma média anual de 20 graus centígrados* (DEAN, 1977, p.19)<sup>1</sup>.

O comentário se refere ao cenário natural dos séculos XVIII e XIX. Certamente, não é o mesmo encontrado hoje, quando o desmatamento e a poluição alteraram clima e paisagem. Atualmente, o pouco que restou das coberturas vegetais originais está restrito a algumas áreas de proteção ambiental. Várias espécies animais também já não fazem parte do atual cenário.

## A ocupação do território

A ocupação do território de Rio Claro foi acelerada pela descoberta do ouro em Mato Grosso, em 1718. O caminho para se atingir as minas de Cuiabá encontrou seu melhor traçado para vencer as *cuestras* do Planalto Ocidental pela passagem mais baixa e erodida, onde surgem apenas algumas elevações, que levam nomes como Morro da Guarita, Morro Pelado e Morro do Baú, ou seja, vindo de Piracicaba, o caminho passava junto ao Ribeirão Claro, cortava os rios Corumbataí e Passa Cinco, atingindo a região aonde viria surgir Itirapina, e daí seguia pelo espigão do planalto, passando pelos atuais municípios de São Carlos, Araraquara, Itápolis, etc.

Para enfrentar a cansativa subida até o planalto e atingir o “inóspito” Sertão de Araraquara, surgiu uma improvisada parada junto ao Ribeirão Claro, o início do que seria a cidade de Rio Claro, ainda no século XVIII.

<sup>1</sup> DEAN, W. Rio Claro. Um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 19.

*Começou assim um comércio irregular de artigos de primeira necessidade, que progrediu lentamente e atendeu por uma centena de anos a uma população dispersa (DEAN, 1977, p.21)<sup>2</sup>.*

A vila de São João do Rio Claro seria oficialmente fundada em 10 de junho de 1827 e, em 24 de junho de 1845, elevada a município.

No início do século XIX, poucas famílias viviam em Rio Claro. Em 1822, o recenseamento registrou 1.033 pessoas livres e 231 domicílios. Quase a metade dos chefes de família havia nascido em outros locais, como Moji-Mirim, Bragança e Nazaré Paulista; outros eram de Campinas e Itu; e poucos eram os originários de Sorocaba, Santo Amaro e Jundiá. Havia, ainda, alguns provenientes da Província de Minas Gerais e, apenas quatro, eram os recenseados de origem portuguesa. De todos os chefes de família, somente sete “disseram ter nascido ‘neste’ município, o que talvez quisesse designar Piracicaba”<sup>3</sup>, ao qual Rio Claro então pertencia.

Por essa época, iniciava-se ali o cultivo da cana-de-açúcar: a nascente povoação ensaiava os primeiros passos na lavoura comercial. Já em 1822, contavam-se oito engenhos de cana-de-açúcar instalados, e outros três sendo construídos. A falta de mão-de-obra escrava significativa, a distância dos centros exportadores, os péssimos caminhos talvez expliquem o porquê de Rio Claro não ter se tomado um grande centro açucareiro, a exemplo de outras vilas. Em meados do século XIX, a cana-de-açúcar foi cedendo lugar à nova cultura que se instalava em terras paulistas, o café. Já em 1859, para se ter uma idéia, havia cerca de 2,6 milhões de cafeeiros em Rio Claro, enquanto que a cana-de-açúcar praticamente desaparecia, restando plantações apenas para o consumo local.

A cafeicultura trouxe um novo alento ao município, transformando-o num dos mais progressistas da Província paulista. As conseqüências imediatas foram o aumento da população, das melhorias urbanas, do número de propriedades rurais e melhoria dos transportes. Além disso, suas fazendas foram das pioneiras no Brasil a introduzir o trabalho livre e incentivar a imigração e, em que pese os desentendimentos iniciais entre patrões e empregados, este fato não deixou de ser um significativo avanço nas relações trabalhistas. Também foi uma das primeiras cidades a produzir energia hidrelétrica para uso urbano. Seus fazendeiros, prevendo os benefícios que teriam com um melhor escoamento da produção agrícola, também se cotizaram e bancaram o prolongamento da linha férrea de Campinas, cujos trilhos chegaram a Rio Claro ainda em 1876. Todos estes benefícios foram patrocinados pela cafeicultura, que enriquecia o interior de São Paulo.

A lavoura cafeeira perdurou no município até aproximadamente a década de 1920, quando foi cedendo espaço na economia a outras culturas agro-pastoris e à industrialização.

A Fazenda Angélica acompanhou praticamente todo este processo da história rio-clarense, uma vez que foi uma das primeiras abertas no município, tendo passado pelas experiências da cana-de-açúcar, do café e depois pela policultura e criação de

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*, p. 21.

<sup>3</sup> Site <http://rioclaro.org.br>

gado. Deter-nos-emos ao estudo de caso da sua edificação mais significativa, o sobrado construído pelo Barão de Grão-Mogol.

### Angélica, breve histórico

A história da fazenda Angélica está ligada a um importante personagem da história brasileira, o Senador Vergueiro. Este português chegou ao Brasil entre 1802 e 1803, sem nenhum capital além do título de advogado, tornou-se um dos mais ricos fazendeiros de São Paulo.

*Profissionais como advogados, médicos, e professores eram tão raros que seus títulos faziam com que fossem imediatamente admitidos na mais fechada elite (DEAN, op. cit., p.59).*

Seu tino para os negócios era forte, além de saber se cercar de pessoas importantes, que lhe trouxeram inúmeras vantagens. Sendo então um dos dois únicos advogados da capitania, foi nomeado Juiz de Sesmarias em 1813, recebendo uma delas em Piracicaba. Logo se associou a um dos mais ricos comerciantes de São Paulo, o Brigadeiro Luiz Antônio, adquirindo várias outras porções de terra no interior paulista.

A Fazenda Angélica foi uma delas. Originou-se de uma Sesmaria concedida em 13 de agosto de 1818 a Francisco Góes Maciel, Vicente Pires de Andrade e Manoel da Rosa Maciel,

*[...] légua e meia de terras em quadra no termo da vila de Itu, no ribeirão das Araras que deságua no rio Mogy Guassú (SÃO PAULO [Estado], 1994, p.156)<sup>4</sup> [...]*

[...] atualmente no distrito de Ajapi, ao norte do município de Rio Claro.

No mesmo ano de 1818, Vergueiro, juntamente com o Brigadeiro Luiz Antônio, adquiriu a quarta parte desta sesmaria. Em 1825, após a morte do Brigadeiro e do casamento da viúva com José da Costa Carvalho, o Marquês de Monte Alegre, a sociedade se desfez. Couberam a Vergueiro, entre outros bens, as terras da Angélica.

Dono de enormes áreas de terra, onde se cultivava praticamente apenas a cana-de-açúcar, Vergueiro percebeu que poderia lucrar ainda mais fundando uma agência exportadora de açúcar<sup>5</sup>. Grande proprietário de terras, tornou-se o maior mercador de escravos da província paulista, além de ser o pioneiro nas experiências com o trabalho livre e grande incentivador da imigração.

<sup>4</sup> São Paulo, (Estado). Secretaria de Cultura. Departamento de Museus e Arquivos do Estado. Repertório das Sesmarias. São Paulo: A Divisão, 1994, p. 156.

<sup>5</sup> Sua fazenda mais importante foi sem dúvida a Ibicaba, atualmente em terras do município de Cordeirópolis, que ficaria famosa pelos fatos ali ocorridos com os primeiros imigrantes a trabalharem em lavouras paulistas, relatados no livro "Memórias de um colono no Brasil" de Thomas Davatz.

Foi por volta de 1850 que as terras situadas ao norte de Rio Claro adquiriram oficialmente o nome de Fazenda Angélica, em homenagem à esposa do Senador Vergueiro, D. Maria Angélica. Nesta época, a principal lavoura ainda era a de cana-de-açúcar, que aos poucos foi sendo substituída pelo café.

Concomitantemente ao seu enriquecimento, Vergueiro ia adquirindo outras terras, principalmente ao redor da fazenda Angélica. Em 1855, esta tinha quase três léguas em quadra (cerca de 130 km<sup>2</sup>), com quase 12 léguas de circunferência (cerca de 80 km), sendo a maior propriedade agrícola de Rio Claro. Na mesma época, foi ampliado o primitivo casarão, que se transformou numa das maiores casas rurais da região<sup>6</sup>.

No entanto, após a morte do Senador, seus filhos não souberam administrar e conservar o enorme patrimônio levantado e, em 1871, ocorre o esfacelamento do grupo Vergueiro, que entrou em concordata. A Fazenda Angélica foi, então, adquirida pelo London and Brazilian Bank. E, em 1881, já bastante diminuída, foi adquirida por Gualter Martins Pereira, o Barão de Grão-Mogol.

O Barão viera, anos antes, do norte de Minas Gerais, da localidade de Itacambira, a passeio, em visita a um antigo amigo, o Coronel Figueiredo, que estava morando na localidade de Descalvado. Aconselhado por este, acabou por vender suas terras em Minas Gerais, e adquiriu a Fazenda Angélica, juntamente com 300 cabeças de gado e 80 escravos (curiosamente, a maioria deles era proveniente da Bahia e de Minas Gerais), por 305:000\$000 réis (trezentos e cinco contos de réis)<sup>7</sup>. A escritura foi lavrada em 27 de agosto de 1881, no Cartório de Notas Thomaz Molina (atual 2º Cartório de Notas de Rio Claro), livro 19, às páginas 34 a 36.

Gualter Pereira Martins nascera a 13 de novembro de 1826, sendo filho de Caetano Martins Pereira e D. Josefa Martins, fazendeiros e exploradores de pedras preciosas do norte de Minas. Em Itacambira, ele possuía terras onde criava gado e, assim como os pais, também praticava a mineração de diamantes. Recebeu o título de Barão do Grão-Mogol em 17 de setembro de 1873.

Em 1876, ele vendeu sua fazenda Santo Antônio, em Itacambira, e por volta de 1881, se transferiu do norte de Minas Gerais para as novas terras, juntamente com sua família e escravos, para cultivar café.

Ao chegar a Angélica, ocupa o antigo casarão construído pelo Senador Vergueiro. Junto a esta casa, já havia edificações destinadas ao beneficiamento e estocagem do café, como lavadores, terreiros, tulhas e casa de máquinas. Mesmo assim, em 1883, começa a construir uma nova casa, um sobrado, maior e mais confortável, com características da arquitetura urbana do norte de Minas e sul da Bahia, quase inteiramente em alvenaria de pedra, na seção denominada Vista Alegre, afastada alguns quilômetros da antiga sede, em terreno plano e próximo a uma nascente d'água. À frente do novo sobrado, foi construído outro terreiro para secagem de café, totalmente ladrilhado; atrás, mandou construir uma senzala (em alvenaria de pedra) e uma casa para o capataz. Outra casa foi erguida junto ao terreiro e serviu

<sup>6</sup> Ela ainda existe, porém bastante desfigurada.

<sup>7</sup> Processo n° 20.145 – Condephaat, Sobrado de Pedra do Barão de Grão-Mogol, Rio Claro-SP, fl. 21.

como administração; além de canais de água para abastecimento das edificações e do terreiro; e efetuar a instalação de um pomar. Atualmente, dessas instalações restam o velho sobrado, partes do antigo terreiro, as fundações da senzala e da casa do capataz, e vestígios dos canais de pedra e do pomar.

O Barão do Grão-Mogol tornou-se figura importante na vida política e social de Rio Claro, sendo um dos pioneiros na utilização do trabalho livre, trazendo imigrantes das Ilhas Canárias para trabalhar em suas terras. Foi, também, um dos mais ativos abolicionistas de Rio Claro, propondo, inclusive, a criação de um livro de ouro com o nome de quem libertasse seus escravos. Em março de 1887, libertou dez escravos e uma escrava e prometeu libertar outros setenta, desde que não mais pesasse sobre eles a hipoteca do *London and Brazilian Bank*, que venceria em 1892. Nessa atitude, entretanto, pode ser entrevista uma boa compreensão da situação do Brasil de então, quando a abolição já era dada como certa, e atitudes antiescravagistas, como essas, poderiam lhe reverter em certos benefícios. Outras histórias são relatadas, como, por exemplo, a promessa de libertação de dois escravos fugidos se estes voltassem e aceitassem um contrato para trabalhar em suas terras ou, também, o reconhecimento de quinze filhos que teve com suas escravas, deixando para eles parte da sua herança. Foi filiado ao Partido Monarquista, mas passou ao Republicano, quando a queda da Monarquia se anunciava, renunciando, informalmente, ao título de Barão. Sua morte também possui fatos curiosos: alguns afirmam ter sido em 24 de dezembro de 1890, outros, alguns anos depois. Há ainda documentos que citam o ano de sua morte como sendo o de 1906...<sup>8</sup> O fato é que, um dos desejos do Barão, era o de ser enterrado em terras da Angélica, o que demonstra o apego à sua terra. Apesar de uma intensa vida social, jamais teve casa na cidade. No entanto, seu sepultamento se deu em Rio Claro, contra a sua vontade e, só por volta de 1940, é que seus restos mortais foram trasladados para o antigo cemitério da fazenda, onde até hoje se encontram. Atualmente, o local onde era o cemitério da Angélica, está totalmente ocupado por canaviais, restando apenas o túmulo do Barão, em adiantado estado de degradação.

De 1881 a 1923, a fazenda Angélica pertenceu à família do Barão e seus descendentes. Mas já em 1922, ela possuía uma produção pequena de café, restando menos de 44 mil cafeeiros. Acabou por ser dividida em vários lotes e posta à venda.

Em 22 de setembro de 1923, parte da seção Vista Alegre (lote 28) foi adquirida por Pedro Rossi e esposa, D. Maria Santantonio, e Francisco Rossi e esposa, D. Luiza Zumpim. Este lote, do qual constavam o sobrado do Barão e mais 09 alqueires com matos e capoeirões, foi adquirido pelo preço de 3:600\$000 (três contos e seiscentos mil de réis). No mesmo ano, essas mesmas pessoas adquiriram o lote 23, por 40:000\$000 (quarenta contos de réis): 85 alqueires com habitações e benfeitorias, cafezais, cultura e pasto, ou seja, tratava-se da primitiva sede da fazenda Angélica, construída pelo Senador Vergueiro.

A partir de então, o sobrado passou a ser habitado pela família de Pedro Rossi, até a década de 1990, quando a última moradora, abandonou o local. O sobrado, então, já se encontrava em avançado estado de degradação e não oferecia condições de

<sup>8</sup> Processo no. 20.145 – CONDEPHAAT, Sobrado de Pedra do Barão de Grão-Mogol, Rio Claro-SP, fls. 24 e 27.



segurança. Atualmente, somente o seu piso térreo é utilizado como depósito de ferramentas, oficina e tulha. Todos os demais pisos superiores encontram-se abandonados, com sérios problemas de goteiras, presença de cupins e abelhas, guilhotinas sem vidros, janelas e portas empenadas, forro praticamente inexistente.

Os atuais proprietários não possuem condições de reforma ou manutenção do patrimônio, declarado oficialmente bem de interesse cultural do Estado de São Paulo, em 1984. Aos 110 anos, o casarão sobrevive com uma alvenaria perfeita, sem trincas ou rachaduras. Mérito dos bons construtores, escravos baianos e mineiros. Porém, suas partes mais frágeis, de madeira, de vidro e barro cozido, aos poucos vão se desfazendo, sumindo. Um pouco da história das conquistas e do povoamento do interior paulista, de nossa história, se vai com elas.

### **Casas urbanas do sul da Bahia**

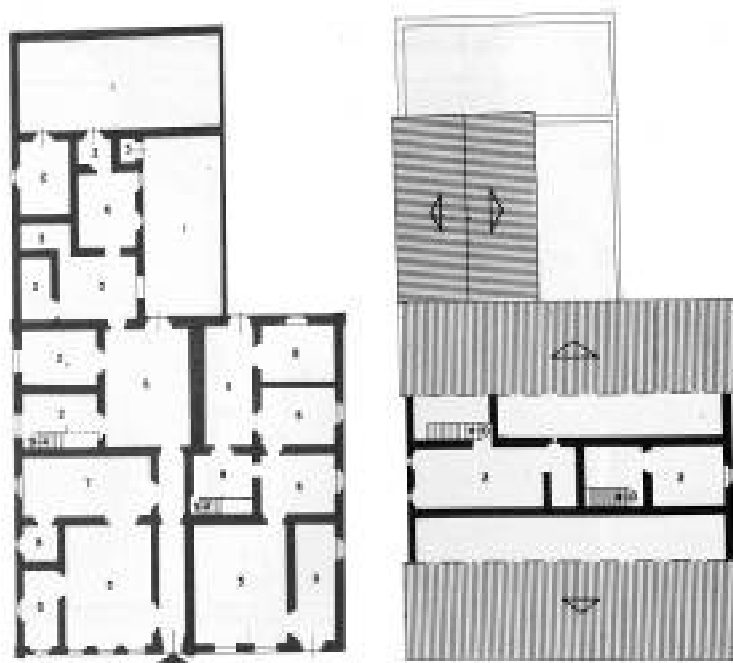
A mão-de-obra utilizada na construção do sobrado do barão de Grão-Mogol foi formada por escravos do Barão de Grão-Mogol provenientes do sul da Bahia e do norte de Minas, ou seja, eram trabalhadores que já possuíam um modo próprio de construir, muito diferente do que se praticava em São Paulo e, principalmente, na região de Rio Claro à mesma época. Não por acaso, a arquitetura do sobrado assemelha-se muito às casas urbanas das cidades mineradoras do sul da Bahia, como Lençóis, Andaraí, Rio de Contas, Mucugê, Caetité, entre outras, cuja característica principal é o corpo principal apresentar duas águas e ter empenas laterais vazadas por duas ou mais janelas. Outra peculiaridade do sobrado rio-clarense é o uso exaustivo da pedra, inclusive nas vergas, peitoris e ombreiras de janelas e batentes de portas da fachada, incomum nestas paragens à época. Pedra trazida, provavelmente, do Morro Grande situado próxima à fazenda Angélica. Assim, antes de tratarmos do sobrado do Barão do Grão-Mogol, faremos uma breve análise sobre as edificações urbanas da zona mineradora do sul da Bahia.

A região em questão é formada por duas formações geológicas principais: a Serra Geral e a Chapada Diamantina, com altitudes que variam de 400 a 1.000 metros, e de clima semi-árido, encoberta em sua maioria pela caatinga. No entanto, notadamente junto aos vales dos rios principais (Contas, Paraguaçu, São José, entre outros), o clima é um pouco mais úmido, surgindo uma vegetação mais densa e frondosa. Ocorrem ainda, em alguns trechos, os campos cerrados e os campos gerais.

As características geomorfológicas do relevo e a vegetação natural oferecem abundante matéria-prima para a construção civil: pedra, barro e madeira, todos muito utilizados nas edificações ao longo de sua colonização.

As regiões ocupadas durante o século XVIII, como Jacobina, Rio de Contas e Serra Geral adotaram o padrão arquitetônico do litoral brasileiro (ver Figuras 1 e 2):

[...] construções robustas de paredes autoportantes de adobe ou pedra, usualmente caiadas, com pequenas aberturas e vergas retas ou em arcos abatidos. Os sobrados nestas zonas são quase sempre do século XIX (BAHIA [Estado], 1980, p.20)<sup>9</sup>.



**Figura 1.** Planta dos Correios e Telégrafos, em Rio de Contas [BA]. Fonte: IPAC-BA, vol. 4, p. 347.



**Figura 2.** Prédio dos Correios e Telégrafos, em Rio de Contas [BA]. Fonte: IPAC-BA, vol. 4, p. 347.

<sup>9</sup> BAHIA, Secretaria de Indústria e Comércio. IPAC-BA – inventário de proteção do acervo cultural; monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina. Salvador: SPHAN/Estado da Bahia, 1980, p. 20.



Já na zona de mineração de diamantes, na porção oriental do Planalto, colonizada em meados do século XIX, a arquitetura lembra a da região de Diamantina e Serro, em Minas Gerais (ver Figuras 3 a 6):

*[...] construções mais leves e coloridas, onde os vazios prevalecem sobre os cheios. A estrutura é geralmente em madeira, independentes da vedação, que pode ser de pau-a-pique ou adobe. As construções mais antigas são térreas, semelhantes às das zonas auríferas. Os sobrados surgem logo a seguir e seus vãos já denotam influências ora do Neo-clássico ora do Neo-gótico, que ali se difundiu muito cedo. Em muitos edifícios, uma fachada apresenta portas e janelas com arcos plenos e a outra em arcos abatidos e apontados. Muito freqüentes na região, são também os vãos em forma de mitra, uma simplificação do arco ogival que são encontrados também em Minas Gerais, especialmente em Ouro Preto e Diamantina (Idem, ibidem, p.20).*



**Figura 3.** Prédio do Caetité Hotel, em Caetité [BA]. Fonte: IPAC-BA, vol. 4, p. 53.



**Figura 4.** Interior do Caetité Hotel, em Caetité [BA]. Fonte: IPAC-BA, vol. 4, p. 54.



**Figura 5.** Edifício à rua Horácio de Matos, 850, Lençóis [BA]. Fonte: IPAC-BA, vol. 4, p. 229



**Figura 6.** Fundos do edifício da rua Horácio de Matos, 850, Lençóis [BA]. Fonte: IPAC-BA, vol. 4, p. 230

A planta da casa sertaneja é mais “larga que profunda”, se caracterizando por três faixas de uso: junto à rua, os salões sociais; ao meio, as alcovas são, em geral, “superpostas por um sótão, utilizado como depósito, que aproveita o desvão maior do telhado”; aos fundos, voltados para o quintal ou para um pátio,

*[...] estão os salões de interação familiar: o jantar, a sala de costuras, etc. Nas casas maiores, especialmente as rurais, duas filas de dormitórios complementares se alinham ao longo das fachadas laterais ou empenas (Idem, ibidem, p.20-1).*

A circulação interna, central, é curta, conduzindo o visitante aos salões de visita e de jantar.

À exceção de Lençóis, onde a rápida urbanização fez surgir lotes estreitos e compridos e construções altas, com dois ou mais pavimentos, o restante das cidades da Serra Geral e da Chapada Diamantina apresentam edificações térreas, sendo os sobrados “quase exceções [...]”<sup>10</sup>. Nestes sobrados de tradição costeira, o térreo serve a atividades comerciais ou a serviços da casa, sendo os demais pavimentos ocupados pela família. Outra característica é a presença do quintal, aos fundos, cercado por muros e dividido em duas partes: a mais próxima da casa é o pátio, pavimentado e contornado em dois lados por varandas, para onde se abrem o jantar e o apêndice, formado pela cozinha, com seu fogão de lenha em meia laranja. É geralmente neste pátio que está localizada a cisterna.

A segunda parte é o pomar, também murado, que se abre por um portão para uma rua secundária, riacho ou campo, conforme o caso. Este pomar serve para complementar o abastecimento alimentar da família. Ali eram cultivados milho, hortaliças, cana, café, frutas, e reproduzidos e engordados porcos e galinhas. As famílias mais ricas dedicam parte considerável deste pomar para o cultivo de flores.<sup>11</sup>

As casas dessas famílias são identificadas pelas dimensões, pela quantidade de pavimentos e também pela sofisticação da decoração e dos materiais empregados.

Residências mais ricas possuem pisos assoalhados sobre porões altos e forros de tábuas ou lona, janelas guarnecidas de treliças, vidros ou venezianas, e fachadas emolduradas por cunhais e frisos decorados. Casas modestas têm piso em lajotas de barro cozido ou terra batida, e não possuem forros nem decoração.<sup>12</sup>

Praticamente todas essas características mencionadas são encontradas no sobrado do Barão de Grão-Mogol, em Rio Claro, notadamente as empenas laterais com janelas, o sótão, o porão ocupado por serviços da residência ou atividades comerciais, a pequena circulação e o quintal subdividido.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 21.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 21.

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p. 21.

## O Sobrado

O sobrado acha-se implantado num terreno com leve declividade em direção ao noroeste. Aos fundos, uma nascente d'água foi represada formando um pequeno açude onde, originalmente, os escravos pegavam a água para o abastecimento doméstico; outra mina d'água, mais acima, também teve suas águas represadas. Através de canais de pedra, essas águas eram direcionadas ao lavador de café, aos terreiros, ao pomar e aos estábulos. Pouco resta dos antigos canais, bem como do lavador. Ao longo do século XX, construíram-se várias edificações sobre o terreiro e o lavador, os canais perderam sua utilidade e não tiveram manutenção.

A casa que serviu de administração, a senzala e a casa do capataz, todas em alvenaria de pedra, tiveram o mesmo destino: foram destruídas e suas pedras serviram como alicerces de novas construções. Restam as ruínas de suas paredes e parte de seus embasamentos, sendo impossível sequer supor como eram.

Desta forma, a única edificação a resistir ao tempo e à ação dos novos proprietários é o sobrado. Sua manutenção só se explica pelo fato de ter servido de habitação à família de Pedro Rossi e seus descendentes até a década de 1990 e, principalmente, pelo seu tombamento em nível estadual, a partir de 1984.

É nele que nos deteremos, sempre estabelecendo relações com a arquitetura urbana da zona mineradora do sul da Bahia, das regiões da Serra Geral e da Chapada Diamantina.

## Volumetria e Técnicas construtivas do sobrado

A volumetria do sobrado é composta por um corpo principal (ver figura 07), fronteiro, com três pavimentos, mais o porão: no térreo estão os cômodos de serviço; os aposentos íntimos (dormitórios) e sociais (salas de visita e de jantar), no primeiro pavimento; e no sótão, mais quatro cômodos. Este corpo principal é coberto por duas águas – com telhas capa e canal – que caem em direção à fachada principal e aos fundos, formando duas empenas laterais, com várias aberturas em cada uma, à moda das casas urbanas da zona de mineração do sul da Bahia (Serra Geral e Chapada Diamantina).

Aos fundos, junto ao corpo principal, há um anexo, com dois pavimentos: o térreo ocupado pela cozinha “suja”; e o pavimento superior, ocupado por outra cozinha, uma despensa e um terceiro cômodo que pode ter sido acomodação para escravas de dentro.

Juntos, o corpo principal e o anexo dão à planta do sobrado, a tradicional configuração das casas em “L”, cujo espaço reentrante é ocupado por um pátio de serviços, murado, com dois portões: um de acesso à antiga senzala, outro de acesso ao açude existente nos fundos e ao pomar (ver Figura 8).



Figura 7. Sobrado da fazenda Vista Alegre. Fachada sul. Foto: Benincasa, 2003.



Figura 8. Sobrado da fazenda Vista Alegre. Fachada leste: fundos. Foto: Benincasa, 2003.

A volumetria deste sobrado segue, quase sem nenhuma modificação, a tipologia tradicional dos sobrados de Lençóis, Caetité, Andaraí, Rio de Contas. É curioso notar que, em suas fachadas principais, a oeste e a sul, o modelo adotado foi o dos sobrados mais antigos do sul da Bahia inspirados na arquitetura litorânea, ou seja, nas “construções robustas de paredes autoportantes de adobe ou pedra, usualmente caiadas, com vergas retas ou em arcos abatidos”, mencionados anteriormente. Nestas fachadas aparecem as janelas e portas com molduras de

pedra e vergas em arco abatido. Nas outras, a leste e a norte, e no corpo anexo de serviços, aos fundos, as molduras de portas e janelas não possuem o mesmo requinte, são vergas e batentes simples de madeira.

Na construção do sobrado foram utilizadas pedras trazidas, provavelmente, do Morro Grande, situado entre a fazenda Angélica e o distrito de Ajapi (cujo primeiro nome foi, justamente, Morro Grande). Pedras de coloração bege-amarelada, parecendo uma espécie de arenito.

O embasamento do sobrado foi todo executado com grandes blocos semi-aparelhados desta pedra, assim como a alvenaria de todas as paredes exteriores e em algumas internas, nas paredes mestras. Estas paredes, no corpo principal, possuem, em média, 70 centímetros de largura. No anexo de serviços, as larguras variam: no térreo, apresentam cerca de 70 centímetros e, no primeiro pavimento, 35 centímetros de largura.

As demais divisórias internas possuem estrutura portante de madeira e vedação de pau-a-pique ou taipa de mão, cujas espessuras variam de 8 a 11 centímetros. Nelas, a madeira utilizada na trama – ripas e pequenos esteios – foi toda aparelhada e consolidada por pregos, antes de terem os vãos preenchidos pelo barro, numa técnica que alguns historiadores chamam de “estuque”. Isto demonstra que a mão-de-obra utilizada possuía domínio da técnica e até certa sofisticação. O acabamento obtido é muito bom, diferente das tramas feitas de paus roliços amarrados com cipós, mais comum nestas paragens.<sup>13</sup> Em pedra, também, foram feitas as molduras das portas e das janelas das fachadas a oeste e a sul, as principais da edificação e que primeiro eram avistadas pelos visitantes. Vergas em arco abatido, ombreiras, peitoris, soleiras, cunhais, além dos degraus das escadas externas, tudo foi habilmente lavrado em blocos maciços da pedra do Morro Grande.

## Fachada oeste

Na fachada oeste, a de entrada, sobressai uma grande escadaria de pedras que dá acesso ao pavimento principal. Esta escadaria possuía guarda-corpo semelhante aos gradis das sacadas da fachada sul, engastados nos degraus de pedra. O uso ininterrupto provocou o desgaste das pedras nos pontos de apoio do guarda-corpo, tornando-o inseguro. Foi então retirado pelos pais dos atuais proprietários e substituído por uma mureta de alvenaria de tijolos, em meados do século XX. A fachada, certamente, perdeu muito de sua beleza.

As janelas dessa fachada possuem guilhotinas envidraçadas, com os dois escuros internos formados por duas consoeiras consolidadas por travessas engastadas. Aparecem apenas no pavimento superior.

<sup>13</sup> Na região de São Carlos, por exemplo, temos o casarão da Fazenda Santa Eudóxia, construído à mesma época, em cuja taipa foram usados os paus roliços amarrados com cipó. Os proprietários eram provenientes de Itaqueri da Serra, então um distrito de Rio Claro. Em outra fazenda da região, a Saltinho, em Itirapina, também aparece a técnica da taipa de mão com paus roliços amarrados com cipós, tanto no casarão como na tulha. Estes exemplos podem ser indícios de que a técnica da taipa com ripas aparelhadas, ou “estuque” não fosse tão comum na região.



As portas também são simples, com escuros também formados por consoeiras consolidadas por travessas; não possuem as tradicionais bandeiras. As vergas são em arco abatido, e as ombreiras possuem os tradicionais socos na base. Outras aberturas aparecem no porão dessa fachada, em arco pleno, com tijolos aparentes, sem nenhum tipo de grade ou proteção, por onde pode passar uma pessoa por vez. No interior do porão, notam-se algumas formas curiosas que despertam a atenção. Porém, a quantidade de morcegos, a falta de uma fonte de luz e de roupas apropriada nos impediu de verificar o que eram tais formas que se insinuavam na escuridão. Podemos aventar algumas hipóteses: será que por baixo da casa passavam canais de água, numa espécie de abastecimento de água e esgoto? Será que houve uma passagem do interior da edificação ao porão subterrâneo, e então ele seria ocupado com algum tipo de função? Seria uma cadeia para escravos? Estas hipóteses, por ora, ficarão nos incomodando...

Mas, voltando às aberturas de fachada: há uma derradeira, entre a escada e a porta da lateral direita de quem olha o edifício: uma pequena abertura a aproximadamente 2,00 metros do chão externo, em forma de círculo completo, feito por tijolos, com cerca de 20 centímetros de diâmetro, sem nenhuma proteção, como grade ou portinhola. Sua utilidade, atualmente, é desconhecida. Esta abertura está voltada para o interior do grande salão interno onde se guardavam os veículos do Barão, além de servir como depósito e, talvez, tulha.

A fachada é emoldurada por belas pilastras dóricas sobrepostas, nos cunhais, cada uma com base, fuste e capitéis, delicadamente esculpidos em pedra aparente, que contrastam com a alvenaria recoberta por argamassa caiada das paredes. Estas pilastras aparecem apenas nos cunhais desta fachada oeste e nos da fachada sul. Nos demais, do anexo de serviços, não há nenhuma forma de ornamentação (ver Figura 9).



**Figura 9.** Sobrado da fazenda Vista Alegre. Detalhe do cunhal em pedra lavrada. Foto: Benincasa, 2003.



**Figura 10.** Sobrado da fazenda Vista Alegre. Detalhe da porta do salão, no térreo, em pedra lavrada. Foto: Benincasa, 2003.



## Elevação sul

Essa lateral é a mais sofisticada do sobrado e, assim como veremos na fachada norte, são perceptíveis os três pavimentos do corpo principal – térreo, primeiro pavimento e sótão. Nela, aparecem vários tipos de janelas e portas. Como já mencionado anteriormente, todas estas aberturas possuem molduras em belo trabalho de pedra.

No térreo as janelas se assemelham às da fachada oeste – com vergas em arco abatido, escuros duplos formados por duas consoeiras consolidadas por travessas. Porém, ao invés de guilhotinas, surgem as tradicionais grades de madeira de seção quadrada, colocadas a 45º em relação ao peitoril, comuns na arquitetura paulista, mas que, segundo o Prof. Carlos Lemos, na verdade, são influências da arquitetura mineira. Estas grades também foram usadas em vários exemplares de municípios da região da Serra Geral e Chapada Diamantina<sup>14</sup>. Podemos deduzir, então, que a influência mineira, entre outras, também foi muito forte nesta região de mineração do interior baiano, ou que esse tipo de proteção de janelas tenha sido mais comum no Brasil do que se imagina.

Ainda no térreo desta fachada sul, destaca-se a porta de entrada do salão principal (ver Figura 10). É a maior de todas, com uma largura de 1,82 metros, e a única a possuir bandeira com verga em arco abatido. Nela, as ombreiras de pedra assemelham-se a pequenas pilastras com base (o soco), fuste e capitel dórico. No soco das ombreiras e na velha soleira, as pedras estão bastante machucadas, desgastadas, o que sugere que houve intensa circulação e choques contra elas. A verga possui belo desenho, com pedra de fecho, em relevo, e cornijas.

A bandeira, igualmente graciosa, em madeira, possui recortes em formas de gotas. Atualmente, apenas metade dela existe, sugerindo o desenho original.

As folhas desta porta são formadas por quatro consoeiras cada uma, com encaixes do tipo macho e fêmea, e consolidação através de travessas de madeira. A fechadura original não existe mais, apenas as dobradiças em ferro batido.

No entanto, o grande destaque da fachada sul são os balcões contínuos do primeiro pavimento e do sótão, protegidos por graciosos guarda-corpos de ferro batido e com suportes para lamparinas (ver Figura 11). Estes balcões, compostos por vários blocos de pedras justapostas e engastadas na parede da empena, possuem acabamento inferior em peito de pomba, com largura aproximada de 40 centímetros.

Para o balcão do primeiro pavimento abrem-se cinco portas-balcão com molduras de pedra, em arco abatido. Suas folhas duplas são almofadadas, com postigo na metade superior. Havia outros dois caixilhos, em madeira e envidraçados, na parte

<sup>14</sup> Esse tipo de gradeamento aparece com frequência em edificações de Livramento de Nossa Senhora, de Igaporã, de Ibiassucê, de Rio de Contas e de Arapiranga, localidades situadas na região da Chapada Diamantina e da Serra Geral, na Bahia.

externa de cada uma destas portas, que foram retirados e guardados no grande salão do térreo, à espera de um possível restauro.

No balcão do sótão, exatamente igual ao anterior, abrem-se apenas duas portas-balcão, também semelhantes às já descritas. A única diferença entre os dois balcões, além do tamanho, é o desenho do guarda-corpo. O superior possui um desenho mais simples.

No arremate do telhado, surgem lambrequins em madeira recortada, formando um belo rendilhado nos beirais, que ainda são protegidos por guarda-pós.



Figura 11. Sobrado da fazenda Vista Alegre. Fachada sul: detalhe dos balcões. Foto: Benincasa, 2003.

## Elevação norte

A fachada norte é bem mais simples que as voltadas para o sul e para o oeste (ver Figura 12). A hierarquia das fachadas obedecia, então, às regras da ostentação, da aparência social, pela qual só se ornamentava aquilo que era visível ao visitante, o estranho a casa, fosse externa ou internamente. Como a estrada de acesso chegava pelo sudoeste, as fachadas visíveis aos visitantes eram a sul e a oeste, portanto, estas deveriam dar as “boas-vindas” ao forasteiro. As demais só seriam visíveis se o visitante se tornasse íntimo da casa, e, sendo íntimo, não repararia, ou pelo menos não manifestaria sua opinião na frente dos hospedeiros.

Nesta fachada norte, por conta da empena do corpo principal, também aparecem as janelas de seus três pavimentos, além das aberturas da lateral do anexo de serviços. Todas as janelas desta fachada são iguais e muito simples, se

compararmos com as outras, das fachadas sul e oeste. Possuem molduras de madeira, verga reta, ombreiras e peitoris, sem nenhum detalhe ornamental.



Figura 12. Sobrado da fazenda Vista Alegre. Fachada oeste: ornamentação simplificada. Foto: Benincasa, 2003.

No anexo, elas só aparecem no pavimento superior, todas com guilhotinas envidraçadas externas e escuros duplos, cada um deles formado por duas consoeiras, consolidadas por travessas.

No corpo principal, aparecem três destas janelas no térreo. Não há sinais, porém, de que tenham existido guilhotinas nelas. É provável que aqui também houvesse as molduras com gradeamento, como as que restaram na fachada sul. No primeiro pavimento, aparecem cinco janelas, semelhantes às do anexo, ou seja, com escuros internos e guilhotinas externas, embora só duas delas permaneçam com guilhotinas. No sótão, outras duas janelas que, provavelmente, também possuíam as guilhotinas.

Assim como na empena da fachada sul, os beirais são ornamentados por lambrequins de madeira recortada e protegidos por guarda-corpos.

### Fachadas voltadas para o pátio

Ao pátio posterior se voltam uma das faces do anexo de serviços e a fachada leste do corpo principal.

No corpo principal aparecem cinco janelas no pavimento térreo, sobrepostas por mais cinco do pavimento superior. Estas janelas seguem o mesmo padrão das existentes na fachada norte: vergas retas, peitoris e ombreiras de madeira. As do pavimento térreo provavelmente possuíam o gradeamento de madeira, ao invés de guilhotinas (atualmente, não há resquícios deste gradeamento); já as do pavimento superior, ainda ostentam restos das antigas guilhotinas envidraçadas. Os escuros, internos possuem o mesmo padrão dos demais: folhas duplas, formadas cada uma por duas consoeiras consolidadas por travessas de madeira engastadas.

No anexo de serviços, o térreo apresenta duas portas simples nas laterais, com vergas e ombreiras de madeira e soleiras de pedra. As folhas destas portas são únicas, formadas por quatro consoeiras, com encaixe do tipo macho e fêmea, consolidadas pelo engaste de travessas de madeira. Entre estas duas portas aparecem duas janelas, semelhantes às do pavimento térreo do corpo principal descritas há pouco, assim como aquelas, o gradeamento sumiu.

Existem outras cinco janelas, exatamente iguais às do pavimento superior do corpo principal no pavimento superior do anexo de serviços, nesta face voltada para pátio: com escuros internos e guilhotinas externas, moldura de madeira e vergas retas.

### **Outros detalhes externos**

Não podemos deixar de mencionar o uso de calhas, nos beirais das duas águas que cobrem o corpo principal da edificação. Para o lançamento das águas de chuva para longe das paredes da edificação, foram utilizadas quatro gárgulas ornamentais, em formato de peixe, em cada uma das calhas: a frontal e a posterior. Infelizmente, as gárgulas existentes no local hoje, não são as originais. Estas foram levadas por um colecionador amigo da família. Segundo os moradores, as atuais, mesmo mantendo o formato de peixe, dão “apenas uma pálida idéia” do que eram as originais.

Outro detalhe que devemos lembrar é o fato de que a fachada dos fundos do anexo, voltada para o leste, é cega, sem nenhuma abertura. Ali, o tempo fez cair quase toda a argamassa de revestimento deixando à mostra o belo trabalho de assentamento das pedras, com os cunhais compostos por pedras aparelhadas com esperas para receber os esforços da alvenaria de pedra entaipada ou ciclópica, composta por pedras irregulares que se encaixam, rejuntadas com argamassa de cal.

### **Interior**

No interior da edificação, podemos observar o ensutamento das aberturas - janelas e portas – nas paredes de pedra. Sobre o ensutamento, estão os pranchões de madeira da padieira, sobre os quais eram colocados cacos de pedras e argamassa

para o preenchimento entre eles e o arco de escarção, que distribuía as forças para as laterais das aberturas.

O piso da edificação, no corpo principal, é todo de assoalho, feito por largas tábuas de madeira (ver Figura 13).



Figura 13. Interior do sobrado: sala de jantar. Foto: Benincasa, 2003.



Figura 14. Interior do sobrado: cozinha "suja", no térreo. Foto: Benincasa, 2003.

No anexo, porém, ocorrem variações: no térreo, ocupado pela cozinha "suja", o piso é de terra batida (ver Figura 14), exceto próximo às duas portas voltadas para o pátio, onde foi revestido com grandes lajes de pedra irregular.

No pavimento superior, o piso original é o assoalho, porém, na cozinha, sobre as velhas tábuas, foram assentados ladrilhos hidráulicos na cor vermelha. Com o passar dos anos, as sucessivas lavagens do piso, as goteiras no telhado, enfim, com a falta de conservação, o assoalho original, sobre os ladrilhos, apodreceu num dos cantos, junto à parede externa de pedra e cedeu e ameaça ruir a qualquer momento.

As portas internas do pavimento térreo são simples: possuem molduras de madeira e folha única formada por quatro consoeiras consolidadas por travessas. O desnível entre a cozinha "suja" e o térreo do corpo principal é vencido por dois degraus de pedra.

As portas internas do pavimento superior são mais bem acabadas, com duas folhas de madeira, formadas por duas consoeiras lisas, encimadas por bandeiras vazadas, fechadas por pequenos balaústres de madeira recortada (ver Figura 15). Esse tipo de bandeira vazada também é muito encontrado nos mais variados desenhos nas casas da Serra Geral e da Chapada Diamantina. Em São Paulo, este tipo de bandeira aparentemente não foi tão comum ou, pelo menos, se houveram, não resistiram até os dias de hoje. Na região de Rio Claro, parecem ter sido mais comuns as bandeiras entreliçadas.



**Figura 15.** Interior do sobrado: corredor entre salas de visitas e de jantar. Foto: Benincasa, 2003.

Os acessos entre os vários pisos do casarão são feitos por três escadarias. A primeira, no anexo de serviços, está situada no meio da cozinha “suja” e possui toda a base e degraus de pedras. Ascende ao corredor do piso superior. Possui dois lances – com balaustrada simples de madeira – um de quatro e outro de cinco degraus, que se encontram num descanso. A partir de então sobe em lance único, engasgada entre uma balaustrada de madeira e as paredes de taipa da cozinha de cima e da despensa.

As outras duas escadas, ambas totalmente em madeira, estão ao centro da planta do primeiro pavimento do corpo principal, unindo este piso ao sótão. Situam-se em uma espécie de caixa de escadas e foram construídas de forma a se entrelaçarem, embora estejam separadas por divisórias de madeira. Numa delas, o acesso é feito por pequeno corredor que sai da sala de visitas, na outra o acesso é feito por uma porta que sai do corredor entre a sala de visitas e a sala de jantar. Cada uma delas leva a um dos dois dormitórios existentes no sótão, ou seja, apesar destes dormitórios terem comunicação entre si, eles possuem estas saídas privativas.

Todo o forro do sobrado foi retirado ainda na década de 1920, por estar comprometido e nunca mais foi refeito. Pelo que contam, tratava-se do habitual saia-e-camisa, corriqueiro na região.

A estrutura do telhado é toda de madeira e formada por estruturas triangulares com pendural central, empenas e viga, sobre as quais se apóiam a cumeeira, a terça e os frechais, que por sua vez, suportam os caibros e o ripamento, onde se colocam as telhas capa e canal. Junto ao beiral, para garantir um melhor lançamento de águas pluviais, há o galbo do contrafeito, que nada mais é que uma pequena curvatura no



plano do telhado provocada pelo contrafeito, uma peça de madeira de formato triangular assentada sobre a empena.

Além dessas peças, pode-se notar uns braços de apoio junto às terças, provavelmente colocados posteriormente à execução do telhado, para dar maior solidez e melhor distribuição de cargas à estrutura original. Nas vigas, na parte superior, ainda podem ser observados os encaixes da estrutura o do forro original.

## Térreo

A planta do térreo do sobrado mostra vários cômodos, cujas funções originais foram se perdendo com o passar do tempo (ver figura 16). Os cômodos existentes no primeiro pavimento do corpo principal, atualmente, são utilizados como depósitos de ferramentas e de móveis antigos; também são usados como tulha, para guardar a pequena produção de milho e sacas de farinha. No salão voltado para o pátio funciona uma oficina para pequenos serviços de marcenaria, de carpintaria, de mecânica, etc. Aí se encontram pesadas bancadas de madeira, prateleiras e muitas ferramentas.

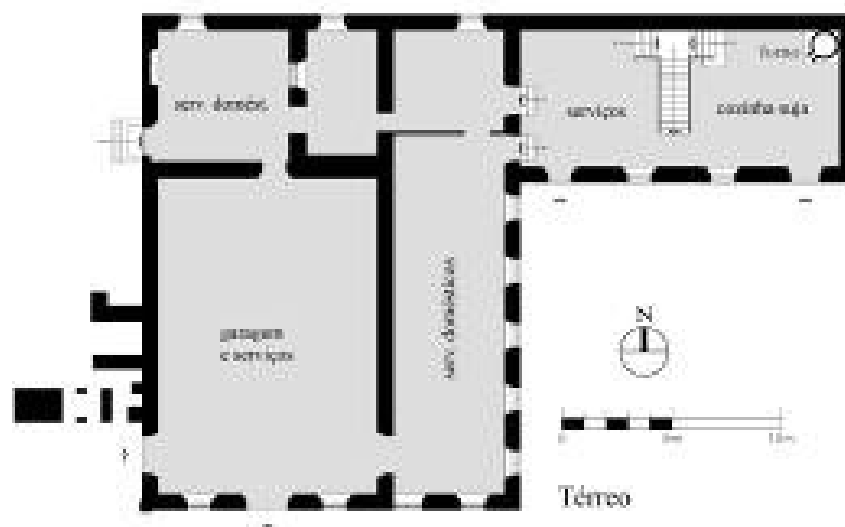


Figura 16. Planta do térreo: serviços. Desenho: Benincasa, 2003.

Segundo os atuais proprietários, no salão maior, voltado para as fachadas sul e oeste, se guardavam os troles e semitroles do Barão de Grão-Mogol, além de ferramentas e material de selaria, e essa explicação é bastante provável, visto que a sua porta externa é larga o suficiente para a passagem de um carro. Ao fundo deste imenso salão, existe uma porta que leva a um cômodo com uma porta voltada para a fachada principal – talvez aqui funcionasse um escritório da fazenda, um local para

receber negociantes, tratar com empregados. Os outros dois cômodos menores, junto à face norte, devem ter servido de despensa e/ou de dormitório a mucamas ou escravas de dentro.

O último cômodo do térreo, no anexo de serviços, fica a cozinha “suja”, onde ocorriam as atividades mais rústicas e longas do preparo de alimentos, como a debulha do milho; a retirada de cascas de legumes e frutas; a limpeza, o tempero e o preparo de carnes; onde se amassavam e assavam pães, bolos, biscoitos e outras guloseimas; onde se faziam os doces e guisados de cozimento lento; onde se preparavam as lingüiças, os queijos; lavavam-se as verduras; onde se preparava o sabão de cinzas... É bem provável que ali também se passassem e engomassem as roupas dos proprietários. A cozinha “suja” era, certamente, onde se concentrava a maior parte das atividades das casas-grandes paulistas do século XIX.

Dela, tinha-se acesso ao pátio e dele podia se passar para o local de criação de animais (galinheiros, chiqueiros, estábulos), ao pomar, à horta e ao açude. Ou seja, do pátio tinha-se fácil acesso à água, às hortaliças e legumes, às frutas, às flores para enfeitar a casa, aos ovos, ao leite, etc.

Também, muito próximo, podia-se lavar a roupa no açude e, no pátio cercado por muros e protegido de animais, provavelmente, se punham as roupas para quicar e secar.

Eis aí o espaço de serviços, por onde circularam as escravas, as mucamas, os moleques e as moças atendendo às ordens de sinhás e sinhôs, sem os quais a casa não funcionaria.

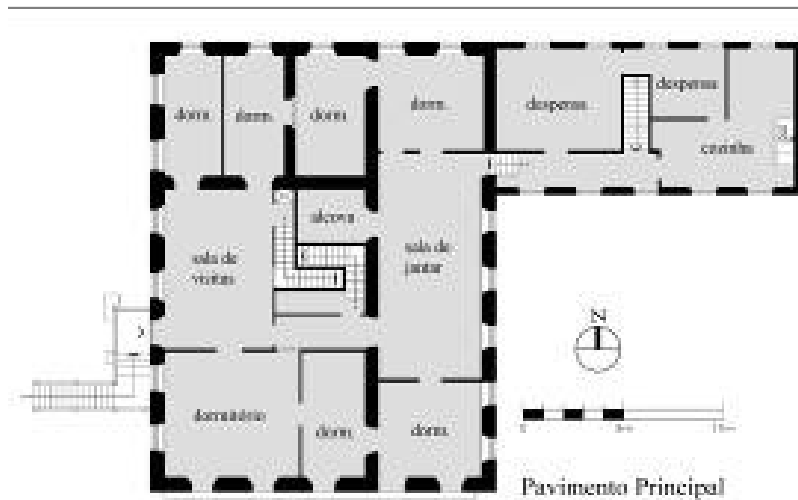
### **Pavimento superior**

Da cozinha “suja” (ver Figura 17), passava-se ao piso superior do anexo de serviços por uma escadaria interna de pedras, dando acesso a um corredor que une a cozinha de cima à sala de jantar, e passa por dois outros cômodos: uma despensa e outra dependência que pode ter servido de dormitório a escravas de dentro, ou então, como foi comum, uma espécie de rouparia, onde se passavam, engomavam e costuravam roupas em geral e se guardavam as de mesa e banho, usadas na casa. Os atuais proprietários não souberam dizer sua função exata. Ultimamente foi usado como mais um depósito, às vezes dormitório.

A despensa ainda conserva as velhas mesas, prateleiras e um curioso suporte para queijos, carnes secas e lingüiças, feito com cipós e madeira, pendurado em uma das vigas do telhado por um pedaço de ferro batido. Servia para impedir que ratos chegassem até os alimentos.

A cozinha de cima, era utilizada para preparo e aquecimento de alimentos do dia-a-dia, de confecção mais simples, como um café, um arroz e feijão, cozimento de legumes, enfim, preparo de alimentos em pequenas quantidades. Ali há um fogão a

lenha original, com pequeno forno de assar. Nesse espaço também eram feitas as refeições do cotidiano.



**Figura 17.** Planta do primeiro pavimento: área íntima e social. Desenho: Benincasa, 2003.



**Figura 18.** Interior do sobrado, primeiro pavimento: desnível no corredor entre área de serviços e sala de jantar. Foto: Benincasa, 2003.

O anexo de serviços fica cerca de 80 centímetros abaixo do nível do corpo principal, assim, para vencer este desnível, entre o corredor e o piso da sala de jantar existe uma escadaria de madeira, com corrimão e cinco degraus (ver Figura 18).

No pavimento superior do corpo principal ficavam os cômodos ocupados pela família do Barão. Nota-se na planta uma faixa frontal de cômodos, uma central e uma posterior.

Na faixa fronteira: a sala de visitas, o primeiro cômodo a ser acessado pelas pessoas que adentram a casa pela escadaria frontal; junto à fachada sul, há um grande cômodo; e, junto à lateral norte, aparecem dois outros cômodos. Se a tradição do morar do sul da Bahia foi mantida, estes aposentos, junto às laterais e na faixa fronteira, podem ter servido como outras salas e/ou dormitórios. O mais provável é que o salão junto à lateral sul tenha sido outra sala e os dois cômodos menores, junto à lateral norte, tenham sido originalmente dois dormitórios: um de visitas – isolado – e o outro de pessoas da família – pois possuía comunicação com os demais cômodos traseiros.

Na faixa intermediária, aparece a caixa de escadas, ladeada por duas pequenas alcovas. Uma delas tem comunicação direta com a sala de jantar, sendo provavelmente um depósito de objetos relacionados a este cômodo, como louças, porcelanas, cristais, prataria. A outra dá acesso ao corredor central, que liga a sala de visitas à sala de jantar. É na verdade uma espécie de vestíbulo da escadaria; se, originalmente, tinha outra função além dessa, não podemos precisar. Talvez fosse ocupada por armários.

Nas laterais da caixa de escada, além da circulação central, aparecem dois outros aposentos, um em cada uma das laterais. Certamente eram dormitórios, assim como os dois cômodos que ladeiam a sala de jantar.

A pequena circulação existente neste pavimento é resultado da comunicação direta entre os aposentos, que proporcionava à família proprietária uma circulação privativa, não acessível a visitantes.

Como foi comum no final do século XIX, o pavimento principal da casa apresenta áreas claramente definidas: a de recepção, a íntima e a de serviços. As três com acessos perfeitamente controláveis pelos proprietários, sendo a circulação por corredores mínima e controlada por portas.

A sala de jantar ou varanda, sempre voltada para os fundos da residência, era o espaço de convergência destas três áreas. Uma espécie de área de transição, mais íntima que social.

## Sótão

O último pavimento (ver Figuras 19 e 20), situado no espaço logo abaixo da cumeeira do corpo principal, era o sótão. São quatro cômodos. Na verdade, trata-se de dois conjuntos de aposentos, cada um deles formado por um dormitório e uma alcova, com acessos isolados.

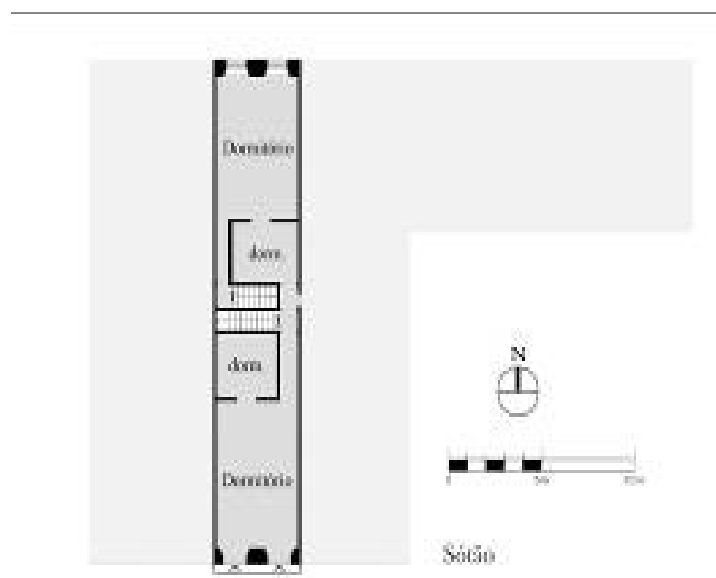


Figura 19. Planta do sótão: área íntima. Desenho: Benincasa, 2003.



**Figura 20.** Interior do sobrado, sôto: pode ser visto a estrutura de madeira preenchida com barro. Foto: Benincasa,

Na ala sul, o dormitório possui duas portas-balcão voltadas para a sacada externa. O acesso a ele é feito por uma escadaria que sai da sala de visitas, no pavimento inferior, o que pode indicar que estes aposentos, originalmente, fossem mais destinados a eventuais visitantes.

Uma curiosidade é que, entre as duas portas-balcão, há um nicho onde, conforme relato dos atuais proprietários, ficava uma pequena urna, com os restos mortais de um tio muito querido do Barão, que os trouxe de Minas Gerais quando se mudou. Se fato ou lenda, como as muitas existentes sobre a edificação e seus originais moradores, não podemos confirmar.

Na ala norte, a disposição de dormitório e alcova é praticamente a mesma, exceto que o acesso é mais privativo, sendo feito através do corredor entre a sala de visitas e a sala de jantar no pavimento inferior. No dormitório, aparecem também duas aberturas externas, duas janelas simples.

Uma das lendas conta que este outro dormitório era utilizado pela filha do Barão, portadora de deficiência mental, quando esta ficava na fazenda, e que as janelas possuíam grades para que ela não se jogasse. No entanto, não há documentação conhecida sobre o fato.

O programa do sobrado é muito semelhante ao da casa paulista do século XIX, fazendo-se uso do partido em “L”, muito comum em São Paulo à época. O mesmo pode-se dizer sobre o pátio murado, que às vezes aparece com algumas variações, por exemplo, em fazendas de municípios da região, como por exemplo: São Carlos

(Santa Maria, Santo Antônio, São Joaquim); de Ibaté (Paredão); de Araraquara (Baguassu; de Cordeirópolis (Ibicaba, Santa Thereza); Limeira (São João, São Francisco), entre outros.

O uso do espaço sob o telhado – o sótão – é que não era nada comum em São Paulo. Isto começa a ser observado em casas da década de 1890 e do início do século XX, como, por exemplo, na casa das fazendas Paredão e Santa Rufina, em Ibaté; e na fazenda Santa Gertrudes, no município de mesmo nome. A casa da fazenda Paredão assemelha-se muito ao sobrado do Barão de Grão-Mogol, inclusive com as empenas laterais com janelas, telhado do corpo principal com duas águas. Porém, o telhado do anexo de serviços está incrustado no primeiro, não é independente como o do sobrado do Barão de Grão-Mogol. Seria o sobrado de Rio Claro uma inspiração para essa casa do Paredão?

Já as outras duas casas citadas são totalmente ecléticas. Nelas, o aparecimento do sótão parece ser mais influência européia do que baiana, mesmo porque a mão-de-obra utilizada já não era mais escrava, mas composta em sua maioria por imigrantes europeus.

## **Conclusão**

Há ainda muito a se pesquisar sobre a história da família de Gualter Pereira Martins, o Barão de Grã-Mogol, marcada por lendas e contradições, para compreendermos melhor a ocupação da fazenda e, principalmente, a utilização do sobrado, principalmente do pavimento térreo e seu porão.

Quanto à edificação em si, é uma casa muito sofisticada para os padrões do interior paulista de 1880, seja em comparação com as edificações rurais, seja com as urbanas, que ainda eram construídos em pau-a-pique ou taipa de pilão. Pedras, praticamente, eram usadas somente nos alicerces. Sobrados também não eram comuns, o que ocorria, quando muito, era o aproveitamento do desnível do terreno, formando porões utilizáveis. O sótão, então, podemos quase afirmar que foi novidade na região, à época.

Por todas estas características, pouco usuais na região, conclui-se que, evidentemente, o exemplar estudado trata-se de uma autêntica casa com influências das casas urbanas da área mineradora do sul da Bahia, que por sua vez possuem fortes traços da arquitetura deixada pelos portugueses no litoral brasileiro, tanto pela sua técnica construtiva, como pela configuração externa e interna.

Ao mesmo tempo, é triste observar o pouco caso das autoridades rio-clarenses e estaduais, e das pessoas, em geral, para com mais este monumento arquitetônico e histórico. Sem manutenção, em pouco tempo restará apenas uma ruína, mais uma bela ruína de pedra, como tantas que se espalham pelo país. Será que os rio-clarenses ou mesmo as pessoas do distrito de Ajapi conhecem as histórias do Barão e de seu sobrado? Será que valorizariam a sua manutenção se as conhecessem?



Povo esquecido das tradições, da poesia do cotidiano, das pequenas delícias proporcionadas pelas coisas simples. Povo que está deixando de ser cordial, deixando, ao que parece, de ser tipicamente brasileiro...

Nossas cidades estão mais feias, nossas atividades cada vez mais internacionalizadas, impostas por países “ricos e civilizados”. Se quisermos, mesmo, nos internacionalizar, por que não aproveitar e transformar de vez nossas tradições e nosso patrimônio cultural em mercadoria? Por que não recuperar nossos velhos e abandonados edifícios, transformando-os em hotéis, pousadas, recuperar suas histórias... Se tantos países têm no turismo uma fonte imensa e de recursos, porque não aqui também?

Talvez seja preciso mudar a educação, ensinar às nossas crianças a ter orgulho do país em que vivem, que se temos problemas, temos também muitas coisas boas e interessantes e ensiná-las a ver estas coisas, através da sua história, da história da sua família e da sua cidade principalmente, do seu Estado. Estudar os artistas locais, pois todo lugarejo tem seu escritor, seu poeta, seu pintor, seu mestre de artesanato, seu arquiteto... Com espírito crítico sim, mas ensinar sem preconceito, sem depreciação. Sem isto, ficará muito difícil que as tradições sejam revalorizadas ou que um velho edifício seja entendido e protegido espontaneamente pela população.



**Figura 21.** Casarão do Barão de Grão-Mogol, na Fazenda Angélica. Rio Claro [SP], Brasil. Imagem inserida pelo Editor-chefe da Revista Labor & Engenharia especialmente para compor o artigo nesta publicação. Disponível em: <<http://www.defender.org.br/rio-clarosp-o-imponente-casarao-do-barao-de-grao-mogol/>>.

## Referências

BAHIA [Estado], Secretaria da Indústria e Comércio. IPAC-BA – **inventário de proteção do acervo cultural**; monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina, vol. 4. Salvador [BA] : 1980.

BENINCASA, Vladimir. **Velhas Fazendas**: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830-1930. São Carlos [SP] / São Paulo [SP] : EdUFSCar / IMESP, 2003.

CONDEPHAAT. Processo n° 20.145, **Sobrado de Pedra do Barão de Grão-Mogol – Rio Claro-SP**. São Paulo [SP] : Condephaat, 1984.

DEAN, Warren. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura 1820-1920**. Rio de Janeiro [RJ] : Paz e Terra, 1977.

LEMONS, Carlos A. C. **Casa Paulista**. São Paulo [SP] : Edusp, 1999.

SÃO PAULO [Estado], Secretaria da Cultura. **Repertório das Sesmarias**. São Paulo [SP] : A Divisão, 1994.

Site: <<http://rioclaro.org.br>>.

Site: <<http://www.defender.org.br/rio-clarosp-o-imponente-casarao-do-barao-de-grao-mogol/>>